

# IN SION

CONGREGAÇÃO DOS RELIGIOSOS DE NOSSA SENHORA DE SION



BOLETIM n. 23  
Abril



# Boletim IN SION

Ano 3 N. 23

Abril, 2019

Equipe de Eventos da  
Congregação

Rua Costa Aguiar, 1266


São Paulo - SP

[eventosnds@gmail.com](mailto:eventosnds@gmail.com)

[sion.org.br/boletim-in-sion](http://sion.org.br/boletim-in-sion)



## EDITORIAL


**Estimados confrades, Shalom!** Com alegria continuamos a caminhada do nosso ano. Neste mês de Abril celebramos o Mistério da Paixão durante a Semana Santa. Oferecemos uma reflexão oferecida pelo *Pe. Theodoro Ratisbonne*, que escreveu sobre a Sexta-feira Santa e sobre o Sábado após a Oitava da Páscoa. Neste mês de abril também fazemos memória dos 192 anos do Batismo do *Pe. Theodoro Ratisbonne*, conferido pela Senhora Louise Humann. Apresentamos também a carta da Sr<sup>a</sup> Humann por ocasião do primeiro aniversário do Batismo do filho espiritual: *“Aquele que te chamou tão milagrosamente, tão maravilhosamente te conduziu, favoreceu e protegeu tão visivelmente proteger-te-á e conduzir-te-á ainda; guiará também tua mãe nos cuidados de tua educação”*. Neste ano celebramos também os 151<sup>º</sup> aniversário da Bênção da Basílica do Ecce Homo em Jerusalém, construído pelo *Pe. Maria Ratisbonne*. Nesta edição do **IN SION** podemos ler um relato da cerimônia religiosa escrita pelo próprio *Pe. Maria Afonso*; trata-se de um texto cheio de detalhes e no qual percebemos a alegria. Queridos confrades, a todos desejamos desde já uma **Feliz Páscoa!** 

## CAPA

A Páscoa de Nosso Senhor. 

## “TUDO É MISTÉRIO DE DEUS”

No dia 30 de março de 2019, Pe Antônio Glugoski concelebrou junto com os padres, religiosos, formandos de Sion e toda a comunidade paroquial da São José do Ipiranga em São Paulo, seu 56º aniversário presbiteral.

Que sua vida seja fecunda e abençoada, são os votos da família In Sion. 



## DOMINGO DE RAMOS

Pe Theodoro Ratisbonne

*Dizei à filha de Sion: Eis que vosso rei vem...*


Contemplemos o nosso Rei, em sua entrada solene em Jerusalém. É o Messias, o Rei de Israel, o Deus de amor, o Salvador do mundo, o Cordeiro destinado ao sacrifício, o esposo celeste da filha de Sion. Ele é grande por si mesmo, e não tem necessidade de pompas, como os príncipes da terra, para elevar sua grandeza aos olhos dos homens. Sua doçura simplesmente lhe submete os povos, e sua humildade cheia de charme triunfa diante de todos os corações. Esta é uma cena totalmente profética e consoladora! Jerusalém, antes de cair no abismo, projeta um último esplendor, ela nos deixa entrever, como num rápido fulgor, uma imagem de seu futuro destino, quando seus filhos, convertidos a Deus, correrão com um santo ardor diante de Jesus Cristo, e bendirão com uma voz unânime o Rei de Israel, o que vem em nome do Senhor.

Abramos com a devida atenção nossas almas a nosso Salvador bem amado, e peçamos que seu reino chegue em nós e fora de nós.

O povo que hoje presta suas homenagens a Jesus Cristo, como ao Messias e ao Filho de Deus, dentro de alguns dias o rejeitará; e a este

entusiasmo caloroso sucederá um esfriamento súbito e um ódio sem medidas. Tais são as estranhas variações do coração do homem! Sondemos nossas próprias disposições. Interroguemos nossas recordações. Estamos sempre com os mesmos sentimentos em relação a Jesus Cristo? Não cedemos, muitas vezes, a influências que derrubam, repentinamente, nossas promessas de fidelidade? Quantas almas, sempre generosas quando contemplam o Senhor em sua glória, o abandonam precipitadamente quando se aproxima a cruz.

Quantas almas parecem decididas a segui-lo até o sacrifício, e acabam se encontrando entre as que o crucificam...

Acima destas tristes realidades aparece a filha de Sion; ela é o tipo da fidelidade. Por isto é a ela que o profeta anuncia o reino glorioso de Jesus Cristo; porque, como ela participa também das humilhações do Calvário, ela participará das solenidades do céu. 


## SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO

Theodoro Ratisbonne

### *Compaixão da Santíssima Virgem*

O amor nos une de tal modo ao objeto amado, que ele coloca em comum os sentimentos, as emoções, os pensamentos. Mais se ama, mais se sente os sofrimentos dos que se ama; é o grau de amor que dá a medida da compaixão. Observemos também que o sofrimento que se partilha não é menos vivo que o que se sofre pessoalmente. Daí se pode pressentir a intensidade dos sofrimentos de Maria. Sua compaixão é toda a paixão de Jesus Cristo reproduzida em sua alma como num espelho que absorve e reflete os ardores do sol. Maria tinha sido associada a todos os atos da vida escondida e da vida pública de Jesus Cristo. Ele deve, portanto, ter participado também de suas humilhações, sua agonia, seu suplicio; seu coração transpassado conservou as marcas dos pregos, dos espinhos, do martelo, da lança e de todas as chagas sangrentas do Calvário. Ela permanece de pé aos pés da cruz, porque esta atitude é a do sofrimento voluntário, aceito em união com a vontade de Deus.

Maria permanece calma e forte em sua dor. O sentimento que a domina não é o de uma piedade natural; porque esta piedade é um horror

instintivo ao sofrimento, que se manifesta por queixas e emoções. A compaixão de Maria é sobrenatural e resignada; ela procede de um sentimento cheio de força que aceita o sofrimento e o partilha. Digna filha de Abraão, ela une sua obediência à da augusta vítima, e oferece a imolação de seu filho, da qual Isaac fora somente uma figura. O suplício de sua compaixão é uma participação ao sacrifício, uma cooperação voluntária na grande obra da redenção. Ao redor da Virgem Santa, no Calvário, estão as filhas de Sion que misturam suas lágrimas às lágrimas de Maria e ao sangue de Jesus Cristo; elas recolhem, como o discípulo bem amado, as últimas palavras que descem da cruz: *Ecce Mater tua!* 

## SÁBADO APÓS A OITAVA DA PÁSCOA

Theodoro Ratisbonne

*“Regina caeli, laetare, alleluia!”*

Sofreu Maria seu dia de aprovação; teve também seu dia de triunfo. Passaram-se as amarguras e o triunfo será eterno. A Igreja hoje só encontra Maria no mais alto dos céus, invoca-a por esta ardente saudação: *“Rainha dos céus, alegrai-vos!”* À compaixão aos pés da cruz sucede a participação nas eternas alegrias. Deus proporciona consolo aos sofrimentos, e, se o Senhor se apressou, por carinhosa deferência, em aparecer às santas companheiras de sua mãe, nada mais natural do que acreditarmos que fosse ela a primeira contemplada com sua aparição, logo ao sair do túmulo. As tradições da Igreja excluem toda dúvida a esse respeito e, se o Evangelho cala sobre isto, é que Maria está acima de toda menção. Seus êxtases e suas lágrimas não poderiam ser expressos, mesmo na linguagem evangélica, e devemos admitir seu silêncio no sepulcro como no Calvário, no Calvário como no presépio. As grandes emoções do coração somente no céu serão desvendadas. Aprendamos com Maria a dominar nossa alma, pois que a verdadeira humildade tanto modera as alegrias como suaviza as dores.

A Virgem Imaculada, tão estreitamente unida a Jesus em todos os seus íntimos estágios, deveria em supremo grau participar da graça da sua ressurreição. Depois de haver chorado e sofrido com seu divino Filho, com ele deveria ter saído do túmulo de dores, para com ele e como ele

viver de uma vida toda nova. Os anos passados por Maria sobre a terra, após o prodígio do santo sepulcro, a fim de desempenhar seu ministério maternal no berço da Igreja, haviam sido simbolizados pelos quarenta dias que Jesus passara na Judéia antes de ascender aos céus. O Senhor conversava e se alimentava com seus discípulos; mas nada o retinha à terra. Assim Maria, depois da ressurreição, estava, por assim dizer, morta e ressuscitada; permanecia no mundo, mas seu coração estava no céu. Poderia dizer com o grande apóstolo São Paulo: “*Para nós que, com a face iluminada, contemplamos a glória do Senhor, somos transformados em sua semelhança, indo de claridade em claridade no espírito do Senhor*” (2 cor 3, 18).

*Milhares de almas consagradas a nosso Senhor e palmilhando os passos de Maria, distinguem-se por esta ressurreição antecipada; como David, assim suspiram seus trenos de amor: “Que desejarei no céu e sobre a terra a não ser vós, ó meu Deus, que sois o Deus do meu coração e minha partilha para a eternidade?”.* (Sl 72, 25-26)

## O BATISMO DE PE THEODORO

Evocações



14 de abril de 1827.

Era sábado Santo.

Nesse dia meu voto mais ardente foi satisfeito. Minha mãe (N.B: Louise Humann) em pessoa derramou sobre minha cabeça a água da regeneração e fez-me nascer a vida cristã.

Era uma simples ablução, efetuada no mistério, sem testemunhas, sem cerimônia. Todos ignoravam o que se passara sob o olhar de Deus só, mesmo o Sr Bautain e meus outros amigos. Eu era cristão; isso me bastava. Fruía deliciosamente dos efeitos sensíveis do batismo. São inefáveis. Compará-los-eis de bom grado às emoções de um cego de nascença que abre os olhos à luz.

*“Com efeito só  
tinha um passo a  
fazer: passava do  
judaísmo ao  
cristianismo, da  
sinagoga a  
Igreja, de Moisés  
a Jesus Cristo, da  
morte a vida.  
Minha mãe,  
vestida de  
branco, esperava  
-me em um  
apartamento  
particular. Ela  
mesma  
derramou na  
minha cabeça a  
água  
regeneradora e  
tornou-me  
cristão.”*

Theodoro  
Ratisbonne

Um orvalho misterioso fecundava a terra de minha alma e os mais ardorosos desejos, como botões de flores, desabrochavam espontaneamente sob o impulso da oração. Eu ainda não recebia as graças divinas pelo veículo dos sacramentos; mas os desejava sem conhecê-los, pois pressentia profundamente as comunicações vivificantes do Divino Mestre com os discípulos. A alma carinhosa, enxertada em Jesus Cristo pelo batismo, sente a necessidade de uma alimentação que satisfaça a fome. A essa fome de amor e de união devia corresponder um objeto divino. Eu não pedia explicação alguma desse mistério e aderira sem dificuldade a palavra de Jesus Cristo que o revela. As demonstrações racionais teriam enfraquecido minha fé em vez de justificá-la. Nunca se chegará a fazer compreender os mistérios do amor à alma; quanto a que ama, esta sim aprecia, sente, experimenta em si mesma a Verdade.

---

Carta de Louise Humann a Theodoro  
Ratisbonne

13.04.1828

Aqui está, filho de graça e de benção, uma nova prova de que teu anjo bom e tua mãe te amam e que esta pensa em seu filho, durante a ausência. Amanhã, sim, o dia de amanhã, é grande para ti e para tua mãe; um dia cuja evocação e o fruto irão até a eternidade. É o dia da criação para ti, o dia em que tua alma sairá das trevas da morte, em que sua vida pura, a vida divina será insuflada, implantada nela;

dia em que nasceste para Deus, para Jesus Cristo, o céu, a Igreja triunfante e militante, a tua mãe! Como essa alma esse germe divino estava sepultado num corpo de barro, na carne e no sangue, convinha que outra alma, também na carne, mas que vinha pela fé, servisse de instrumento para a vida, e esse instrumento foi tua mãe.

Graças eternas sejam tributadas a Deus Pai, por Jesus Cristo, pela tua vocação e admissão na Assembleia dos Santos. Graças lhes sejam dadas por ter querido servir-se de uma criança para comunicar-te a vida e tornar essa criança mãe, tua mãe n'Ele!

Abraço-te, meu querido Theodoro, como a meu filho. És meu filho na ordem de tua mãe, segundo a carne. Nasceste, não do sangue, da carne ou da vontade humana, mas de Deus! És filho de Deus, verdadeiramente Theodoro, dom de Deus para tua mãe. Também aquele que me deu sabe a que ponto me és caro, como me é doce ver o desenvolvimento feliz do homem interior em ti, com que consolação vejo meu Theodoro crescer em graça e em sabedoria, perante Deus e os homens.

Sim, filho querido, devo-te momentos suaves; algumas vezes, momentos de amargura; mas estes últimos são ou se tornam mais raros, e minha esperança de ver-te um verdadeiro cristão, um ministro da palavra na Igreja, se consolida.


Aproveita, filho, dos dias de retiro e solidão que Deus te concede; aproveita o tempo de tua educação que se faz sob a vigilância e a proteção materna, pois o tempo voa incessantemente e passa como uma sombra. Olhando para o passado e comparando meu Theodoro de hoje ao que era, há um ano, noto verdadeiramente um novo homem. Grandes graças te foram feitas. Batizado, crismado, nutrido com o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, fortalecido para professar a fé perante o mundo, desprezado pelo nome de Jesus Cristo, renegado pelos teus..., mas amado, carinhosamente amado, por tua mãe e irmãos, estimado na Igreja e querido pelo seu digno chefe. As consolações ultrapassaram as penas e o mesmo acontecerá durante toda a vida, se fores fiel, pois tudo se transforma em bem para os que amam a Deus.

Amanhã, querido filho, iremos juntos à mesa do Senhor, para ali recebermos juntos o penhor da imortalidade. Renovarás os votos do batismo: renunciarás de novo, com maior consciência e conhecimento,



a Satanás, a suas obras e insuflações falsas, a todas as suas seduções, ao mundo, a seu espírito, a suas leis ou máximas, a seus falsos bens, aos luxos e pompas... a ti mesmo, a tudo que é mal ou vem do mal. Pedirás mais especialmente o espírito de adoção, o espírito infantil e de obediência para com teu anjo bom, invisível e o visível; a compreensão da linguagem angélica, a fim de que compreendas o que é dito, ordenado ou recomendado. Pois já tens um ano; estás na idade em que as crianças bem nascidas e normais começam a compreender.

Em seguida, meu Theodoro, meu filho, começarás teu segundo ano com confiança, esperança e amor. Aquele que te chamou tão milagrosamente, tão maravilhosamente te conduziu, favoreceu e protegeu tão visivelmente proteger-te-á e conduzir-te-á ainda; guiará também tua mãe nos cuidados de tua educação. A Ele é que pertences, com tua mãe e por ela; é também Ele a fonte de todo o amor que põe em meu coração o terno e maternal afeto por ti. Gosto de ti, meu Theodoro, mais do que podes compreender. És para mim um depósito sagrado, uma alma especialmente confiada. Mas se ajuizado, meu filho, pois o teu bom proceder me é ainda mais caro teu amor filial.

Eu te abençôo para o aniversário de teu renascimento. 



03 de abril

1868

*Benção  
episcopal do  
Santuário do  
Ecce Homo*

151 anos

Afonso Maria Ratisbonne  
Jenuário Béo, nds (Trad.)

### Inauguração do Santuário do *Ecce Homo*

Entre as ruínas acumuladas na cidade de Santa, há duas, mais obscuras e mais negligenciadas do que as outras, que permaneceram até hoje como um símbolo petrificado das antigas profecias.

Uma dessas ruínas é a parede bronzeada do recinto do templo de Salomão. Ao pé dessas bases, trinta vezes seculares, os judeus de Jerusalém trazem toda sexta-feira sua desolação e seus soluços.

O outro monumento é a arcada indestrutível no terraço de Pôncio Pilatos, o único remanescente do tribunal onde o divino Messias ouviu sua sentença de morte...

Ao redor do templo ecoaram as canções de Hosana; em torno do Arco do palácio romano explodiram os gritos de *Tolle! crucifige!* Foi lá que Pilatos, mostrando ao povo Cristo coroado de espinhos, proferiu estas memoráveis palavras: *Ecce Homo! Ecce Rex vester!*

As duas ruínas opostas se olham uma para a outra; entre elas há uma conexão misteriosa; elas trazem em si mesmas o seu terrível significado. O arco do *Ecce Homo* explica o desmoronamento do templo, a dispersão do povo, a agitação de toda a Terra Santa.

Este templo será reconstruído um dia? Será que os filhos de Israel, abrindo os olhos para a verdade e tocados com compaixão, virão e trarão o seu ouro e seu gênio para este lugar sagrado para receber o perdão solene do Salvador que eles não entenderam? É segredo de Deus. Vamos apenas lembrar aqui as palavras de São Paulo: "Eu não quero que você ignore este mistério, que parte de Israel caiu em cegueira, até que a plenitude dos gentios tenha entrado; e que todo o Israel será salvo, como está escrito: Ele virá de Sion para libertar e banir a impiedade de Jacó. E essa será a minha aliança com eles, quando eu tiver destruído seus pecados. É verdade que, de acordo com o Evangelho, eles são inimigos por causa de vós; mas de acordo com a eleição, eles são amados



por causa de seus pais, porque os dons e o chamado de Deus são sem arrependimento. Ó profundeza dos tesouros da sabedoria e do conhecimento de Deus! quão incompreensíveis são seus julgamentos e seus caminhos impenetráveis! (Rom, 2).

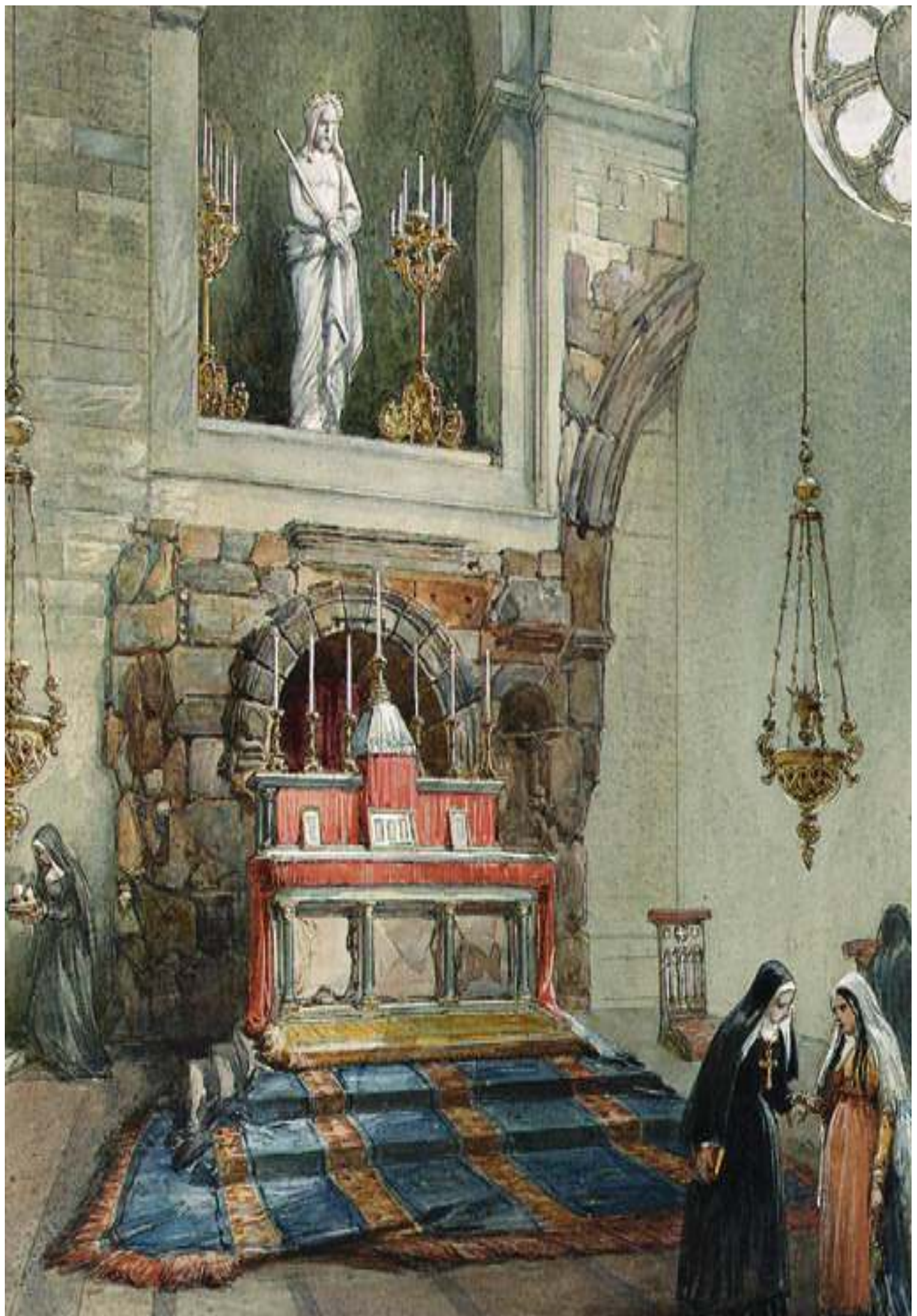
Foi-nos permitido vislumbrar os primeiros frutos dessas consolações e misericórdias divinas no evento que acaba de ser realizado em Jerusalém.

**No dia 3 de abril daquele ano (1868)**, o arco do Ecce Homo, limpo de suas ruínas, recebeu solenes homenagens. Faz apenas dez anos que Nossa Senhora de Sion adquiriu essas ruínas sagradas em condições inusitadas. Uma combinação de circunstâncias tornou possível construir um santuário e um mosteiro na grande parte do local do palácio de Pôncio Pilatos. Os trabalhos visivelmente abençoados continuaram sem interrupção, em meio a dificuldades e contradições que seriam impossíveis de relatar. Mas a mão de Deus estava lá; ela começou o prédio; foi ela quem terminou; ela colocou a primeira e a última pedra.

A nova igreja domina tudo o que resta da via dolorosa; sua aparência é imponente e severa. Na entrada do peristilo, onde se chega subindo oito ou dez degraus, encontramos uma simples cruz preta, em tamanho natural, com a famosa inscrição em hebraico, latim e grego: *Jesus Nazarenus Rex Judæorum*. Esta é a inscrição que os judeus queriam abolir; mas Pôncio Pilatos respondeu-lhes na hora: *Quod scripsi, scripsi*. O que está escrito, está escrito.

A velha rocha cortada no chão, testemunha talvez o palco das cenas mais comoventes da Paixão de Jesus Cristo, aparece a céu aberto e faz parte da parede que rodeia o santuário a que está ligada. Mas, entrando ainda mais, e aproximando-se do coro, os peregrinos sentem uma irresistível emoção ajoelhando-se sobre grandes lajes de Litóstrotos, maravilhosamente preservado no solo antigo. Acima do altar está uma estátua de mármore branco do Ecce Homo, uma obra-prima admirável de um dos artistas mais generosos de Roma, o conde Sosnowski.

Esta estátua parece viva; em suas feições se encontra uma dignidade real e uma majestade divina. Acima dela, nos primeiros entablamentos da cúpula, lê-se estas três palavras em caracteres grandes: *Ecce Rex vester!* Mas, olhando para cima de seus olhos, à elevação do precioso cálice, o sacerdote que celebra os santos mistérios pode ler estas outras palavras gravadas no mesmo arco *Sanguis eius filios Super nos et Super filios nostros! Que seu sangue caia sobre nós e nossos filhos!* Palavras de impreciação que se transformarão em palavras de bênção e salvação. Elas foram visivelmente cumpridas nas punições que atingiram as gerações de Israel; elas serão realizadas com não menos brilho quando o sangue de Jesus Cristo cair sobre eles como gotas de luz e de orvalho.



O coro é grande; à sua esquerda está a piedosa capela da Santíssima Virgem, destinada especialmente para as Irmãs de Sion. É desta capela que se desce às criptas sepulcrais esculpidas na rocha e dispostas como as catacumbas de Roma. A outra capela fica à esquerda: é a da Pietá, da qual todas as pedras são compostas das pedras ensanguentadas do Litóstrotos, encontradas na época das primeiras escavações; ela está situada na parte da via dolorosa que hoje está encravada no interior do santuário.

**Foi, portanto, na sexta-feira, 3 de abril, dia das Dores de Maria, que a Cidade Santa celebrou a bênção do Monumento expiatório.** A cerimônia coincidiu com a chegada de peregrinos vindos de todas as partes do mundo para participar das solenidades da Páscoa. Na ausência do eminente patriarca, Dom Valerga, foi Dom Bracco, seu valioso auxiliar, que presidiu todas as funções sagradas.

Desde o amanhecer, um número considerável de fiéis esperam na via dolorosa; pois, de acordo com os ritos sagrados, é o bispo que deve entrar primeiro no santuário. Negros, feitores do paxá e cawas dos diferentes consulados católicos vigiam os portões e as portas do claustro. Mathias, o dragoman das caravanas francesas, o mesmo que há dez anos, tinha secretamente nos informado de que as ruínas do palácio de Pôncio Pilatos estavam à venda, traz rapidamente a água do Jordão para as aspersões e as bênçãos litúrgicas.

Às sete horas, precisamente, o cerimoniário do Patriarcado chega com os alunos do seminário. Logo a procissão deixa o convento e se desdobra silenciosamente na via dolorosa para encontrar o prelado consagrante. O cruciferário inicia a caminhada. Em seguida, vêm os jovens levitas do seminário com suas vestes vermelhas e azuis, sob a direção do mestre de cerimônias; depois o irmão Joseph, rodeado de meninos do coro do Ecce Homo; ele leva a bandeira de Nossa Senhora de Sion e precede o numeroso grupo de órfãos de São João na Montanha, seguido pelas Irmãs de Sion, que são as diretoras e as mães. Depois vem o irmão Ambros segurando em suas vigorosas mãos a magnífica bandeira da Santa Face (presente generoso oferecido pelas senhoras de Tournai); em seguida, as jovens órfãs do Ecce Homo, a quem um grande número de ex-alunas se juntou. Elas caminham cobertas com seu longo véu branco em duas linhas, e são seguidas por suas mestras, as religiosas de Sion misturadas com as santas freiras de São José da Aparição, que também tinham vindo com os seus alunos para esta solenidade, a fim de testemunhar altamente a simpatia e a união perfeita que reina entre os humildes servidores do mesmo Mestre.

Em seguida, vêm, usando sobrepeliz e estola, os padres da hospedaria austríaca e os piedosos eclesiásticos das caravanas da Europa e da América,



bem como alguns bons religiosos franciscanos. Depois do clero, vemos os cônsules católicos acompanhados por seus chanceleres, uniformizados; em seguida, representantes da autoridade civil e militar do governo turco, bem como um grande número de peregrinos de todos os países. Uma imensa afluência de gregos e armênios, de coptas e árabes preenche as calçadas da via dolorosa e contempla com respeito a esta imponente procissão. Os sinos do Ecce Homo soam plenamente; e, por uma coincidência inesperada, o topo da torre da Cidadela de David, o canhão ecoou nos ares com as mais ruidosas descargas por ocasião do Bairan dos Turcos. O Monte Sião parecia saltar de alegria.

O santo bispo, Dom Vincenzo Bracco, não demorou a juntar-se à esplêndida procissão. Ele estava acompanhado pelo vigário geral, Dom Poyet, todos os cônegos do Santo Sepulcro e os sacerdotes missionários da Terra Santa. Através das sebes do cortejo que se inclina, o prelado dirige-se diretamente ao mosteiro do Ecce Homo; ele coloca a insígnia pontifícia e reaparece na via dolorosa com seus acólitos para começar as cerimônias da Bênção. Nada disso havia sido visto durante séculos nas ruas de Jerusalém; e é notável que durante essa longa procissão na via pública, no bairro muçulmano mais movimentado, nenhuma voz dissonante, nem a menor desordem perturbou a serenidade desse lindo dia. Aconteceria o mesmo em muitos países católicos e civilizados?

Depois da bênção das paredes externas e do interior da igreja, os muitos convidados e uma multidão de fiéis puderam entrar; e foi no meio do mais religioso silêncio que o prelado, vestido com a mitra e segurando o báculo na mão, avançou em direção ao altar para começar a celebração dos augustos mistérios. Todos os outros altares foram iluminados, e o órgão vibrou para acompanhar o canto das órfãs que, com voz piedosa e duvidosa repetiu as estrofes do *Stabat Mater* e a tríplice invocação sioniense *Pater, dimitte illis non enim sciunt quid faciunt!* Depois da missa, o padre de Changobert sacerdote


digno da diocese de Sens, que fazia parte da caravana francesa, soube cativar por mais de uma hora a numerosa assembleia com palavra inflamada.

Esperemos que este discurso proferido numa ocasião tão memorável seja publicado para a edificação de todas as almas piedosas. As filhas de Sion, sobretudo, conservarão uma lembrança viva; pois ele encorajou sua confiança, que é inabalável em meio às dificuldades de sua missão.

Durante o resto do dia, o santuário do Ecce Homo foi visitado por uma multidão de peregrinos e nativos. Por volta das cinco da tarde, o Reverendo Padre Séraphino Milani Carrera, Custódio da Terra Santa, acompanhado pelo principais religiosos franciscanos, vieram para a bênção solene do Santíssimo Sacramento, diante de uma assistência profundamente comovida. No dia seguinte, outro padre da Terra Santa, o venerável Dom Antonio, erigiu as Estações da Via Sacra. Em cada estação, as vozes das irmãs e das crianças repetem o *Pater, dimitte illis*; e é impossível expressar os sentimentos que enchem todos os corações no momento deste exercício realizado aqui, na via dolorosa em que caminhavam, onde choraram ao lado de Maria, as santa mulheres de Jerusalém.

De agora em diante as religiosas de Nossa Senhora de Sion realizarão com mais força a última recomendação do Divino Mestre: "*Filiae Jerusalém, nolite flere super me, sed super vos ipsas flete et super filios vestros. Chorai sobre os filhos de Israel!*" Elas guardarão em seus corações esta palavra misericordiosa; elas exalarão em suas orações e obras de caridade.

O santuário está terminado, está abençoado; ele se tornou a morada do imortal Rei dos séculos. Uma coroa de reconhecimento foi oferecida a ele em vez da coroa de espinhos. Maria deve ser consolada. Que esta consolação suba ao seu apogeu, quando a mesma luz e a mesma fé terão reunidas, sob a orientação do mesmo pastor, todas as almas redimidas pelo sangue de Jesus Cristo.

Acrescentemos, no entanto, que o santo edifício tem apenas o que é necessário; falta-lhe ornamentos e objetos de decoração que completarão seu esplendor. Mas, como sempre, ele contará com a generosidade dos benfeitores e benfeitoras que, por suas ricas ofertas, contribuíram para sua edificação. Seus nomes inscritos num pergaminho foram colocados em uma das pedras do altar expiatório. Que eles sejam escritos no livro da vida. 



## SÁBADO DE ALELUIA

*Jesus é sepultado*

Contemplemos o Cordeiro de Deus sacrificado, a Vítima imolada, o Amor crucificado! Do seu Coração ferido, de suas chagas abertas, jorra o sangue que apaga os pecados do mundo. O Calvário, entretanto, muda de aspecto; cessa o tumulto... a multidão, tomada de terror, dispersa-se; muitas vozes proclamam a divindade do Messias. Em breve cercam a cruz unicamente algumas almas fiéis. Maria, transpassada pelo gládio da dor, conserva sua atitude calma e sublime; levanta o ânimo de são João, enxuga as lágrimas de Madalena, reanima a esperança das outras Marias; excita a fé do centurião, de Nicodemos, de José de Arimatéia. Estes desprendem, cuidadosamente, da cruz, o sacrossanto corpo de Jesus e, depois de embalsamá-lo com os perfumes e essências aromáticas trazidos pelas santas mulheres, depõem-no no sepulcro. E nós também, façamos parte desta pequena guarda e misturemos o bálsamo de nosso amor às consolações que as filhas de Jerusalém derramam sobre as chagas do Coração de Jesus.

Consoante os ensinamentos dos apóstolos, é a sepultura de nosso Senhor Jesus Cristo a imagem da vida cristã neste mundo, vida que pode ser considerada como morte quando comparada à vida futura. Daí estas palavras de são Paulo: "Jazeis agora na morte e vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Mas, quando aparecer Cristo, que é vossa vida, com ele aparecereis na glória" (Col 3, 3. 4). O cristão, regenerado pelo batismo, crucifica sua carne com seus apetites, morre para o que é terreno e conserva a semente de sua imortalidade na perfeita solidão do espírito e do coração. Espera, confia, forma-se para a eternidade; morre com Jesus Cristo, para com ele ressuscitar. "Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor!" (Ap 14, 13). Descansarão dos seus trabalhos e suas boas obras os acompanharão diante de Deus.

## ANIVERSÁRIOS

### Natalício

01.1974. - Fr Paulo A Alves  
13.1941 - Pe Antonio de L Brito  
28.1993 - Post Wellington E da Silva

### Presbiteral

06.1970 - Pe Vitório M Cipriani  
06.1975 - Pe Faustino J Tonini